

# Núcleos funcionais e variação linguística: o caso da Reestruturação<sup>1</sup>

Anabela Gonçalves

[anabela.goncalves@campus.ul.pt](mailto:anabela.goncalves@campus.ul.pt)

*Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*

*Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Portugal)*

## ABSTRACT.

The idea that linguistic variation results from the properties of functional heads goes back to the 1980s (e.g. Borer 1984) and is particularly important within the generative model known as Minimalist Program. This paper intends to present more empirical evidence favouring this approach, considering the contrast between European Portuguese (EP) and Brazilian Portuguese (BP) as far as Restructuring is concerned (available in EP only). It is claimed that this contrast is not due neither to different temporal relations between the embedded and the matrix domains nor to the functional heads projecting in the former. Instead, the difference between the two varieties results from different properties of the embedded functional heads below T, namely Asp and vP: in EP, but not in BP, these heads may be defective for  $\phi$ -features, which triggers the phenomena related to Restructuring, such as clitic climbing and long object movement to the matrix domain.

## KEYWORDS.

Restructuring; functional heads; syntactic defectiveness; linguistic variation.

## RESUMO.

A ideia de que a variação linguística se deve a propriedades dos núcleos funcionais remonta à década de 1980 (e.g. Borer 1984), tendo assumido particular importância em diversos trabalhos realizados no modelo do quadro generativista conhecido como Programa Minimalista. Neste artigo, pretende-se apresentar evidência adicional a favor desta ideia. Para tal, será analisado o contraste entre português europeu (PE) e português brasileiro (PB) no que diz respeito à estrutura de Reestruturação, apenas disponível na primeira destas variedades. Defende-se que tal contraste não é determinado por diferentes relações temporais entre o domínio encaixado e o domínio matriz nem pelas categorias funcionais que se projetam no primeiro destes domínios, mas antes pelas diferentes propriedades dos núcleos funcionais abaixo de T, em particular Asp e vP: em PE, ao contrário do PB, esses núcleos podem ser defetivos quanto a traços- $\phi$ , o que desencadeia os fenómenos comumente associados à Reestruturação, nomeadamente, subida de clítico e movimento longo de objeto para o

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto estratégico UIDB/00214/2020.

domínio matriz.

PALAVRAS-CHAVE.

Reestruturação; núcleos funcionais; defetividade sintática; variação linguística.

## 1. Questões introdutórias

O estudo comparado entre línguas (ou entre variedades de uma língua) constitui a essência do quadro teórico generativista, desde as suas primeiras formulações (veja-se, por exemplo, Chomsky 1965 e a ideia aí defendida de que é necessário estudar a gramática das línguas particulares para a complementar com uma gramática universal). A variação inter ou intralinguística é, portanto, um tópico central nos estudos realizados no âmbito desse quadro e tem sido objeto de atenção particular na área da Sintaxe.

É com o modelo de princípios e parâmetros inaugurado por Chomsky (1981) que se torna mais explícita a necessidade de resolver a tensão entre princípios universais, suficientemente abertos para dar conta da diversidade de gramáticas possíveis, e parâmetros, que restringem as opções permitidas por aqueles princípios, dando conta do facto de cada uma das gramáticas particulares se desenvolver na mente do falante a partir de evidência limitada. A ideia central é a de que a aquisição de uma língua só é possível devido à componente da mente/do cérebro que é explicitamente modelada pela Gramática Universal (GU), em interação com a experiência linguística, que permite à criança fixar o valor dos parâmetros na sua língua materna, o que dá conta da variação interlinguística.

O modelo generativista iniciado a partir da década de 1990, conhecido como Programa Minimalista (Chomsky 1995), continua a integrar-se num quadro teórico baseado em princípios e parâmetros.<sup>2</sup> Neste modelo minimalista, são vários os autores que têm vindo a defender que os parâmetros centrais da UG envolvem propriedades dos núcleos funcionais, recuperando as ideias de Borer (1984). Esta proposta, atualmente conhecida

---

<sup>2</sup> A ideia de que existe mais continuidade do que rutura entre o modelo de princípios e parâmetros inaugurado por Chomsky (1981), conhecido como Teoria da Regência e da Ligação (*Government and Binding Theory*), e o Programa Minimalista é defendida, entre outros, por Holmberg (2000) e Roberts (2000).

como *conjetura* Borer-Chomsky, nos termos de Baker (2008), considera que a fonte de variação é o Léxico, enquanto componente em que se encontram armazenadas as categorias lexicais e as categorias funcionais, sendo que os traços destas últimas desencadeiam as operações na componente sintática da gramática. Sobre a importância dos traços das categorias funcionais na variação intra e interlinguística no quadro da Sintaxe generativa, vejam-se, entre outros, Borer (1984), Fukui (1988), Pollock (1989), Ouhalla (1991), Chomsky (1991, 1995, 2001, 2013), Kayne (2005), Roberts & Holmberg (2010).

O objetivo central do presente trabalho é o de apresentar e analisar dados do português europeu (PE) e do português brasileiro (PB) de uma forma comparada, de modo a fornecer evidência adicional a favor da ideia de que as categorias funcionais têm um papel central na variação linguística. Para tal, considera-se a diferença entre PE e PB no que diz respeito à estrutura de Reestruturação, que apenas a primeira das duas variedades permite. A seleção desta estrutura decorre essencialmente de três fatores: (i) as análises sobre a Reestruturação em várias línguas têm invocado a projeção ou não de certas categorias funcionais (em particular, *C/T/v*) no domínio encaixado e/ou as respetivas propriedades para dar conta de comportamentos semelhantes ou distintos; (ii) as referidas categorias constituem o núcleo central da estrutura funcional da frase, pelo que a existência vs. a ausência de Reestruturação pode contribuir para uma discussão mais alargada sobre a arquitetura funcional da frase nas várias línguas; (iii) a discussão sobre as categorias funcionais envolvidas na Reestruturação é também importante para o debate sobre a natureza (funcional ou lexical) dos chamados verbos de Reestruturação, discussão que se pode encontrar, entre outros, em Cinque (2004, 2006) e Wurmbrand (2004, 2015).

Explora-se, assim, a seguinte hipótese: o contraste entre o PE e o PB no que diz respeito à presença vs. ausência da estrutura de Reestruturação decorre de propriedades formais dos núcleos funcionais que se projetam no domínio infinitivo nestas variedades. A análise aqui apresentada para o PE é, no essencial, idêntica à que defendi em outros trabalhos (nomeadamente, Gonçalves 1999, 2002, Gonçalves & Matos 2009, Gonçalves *et al.* 2010). Assim, embora se considerem dados novos de estudos recentes sobre o PE, que, inevitavelmente, conduzem à reformulação de ideias anteriores, o que

mais distingue o presente trabalho dos já referidos é a extensão ao PB e a comparação entre as duas variedades, contribuindo, assim, para o debate sobre o papel dos núcleos funcionais na variação linguística.

O trabalho estrutura-se da seguinte forma: na secção 2, caracteriza-se, de uma forma geral, a estrutura de Reestruturação; na secção 3, apresenta-se a análise da Reestruturação em PE, considerando, por um lado, as relações temporais entre o domínio infinitivo e o domínio mais alto e, por outro lado, a defetividade das categorias funcionais do domínio infinitivo, na sequência de Gonçalves (1999) e Gonçalves *et al.* (2010), entre outros; a secção 4 destina-se à discussão sobre a ausência de Reestruturação em PB, defendendo-se, para esta variedade, que, ao contrário do que acontece em PE, as categorias funcionais do domínio encaixado relevantes para a legitimação de clíticos ou do argumento interno direto do verbo não são defetivas, o que impede a extração desses constituintes para o domínio matriz; finalmente, na secção 5, apresenta-se a síntese dos principais resultados.

## 2. Propriedades gerais da estrutura de Reestruturação

O trabalho seminal de Rizzi (1982) mostrou que, em italiano, alguns verbos que selecionam complementos infinitivos (nomeadamente, de Controlo de Sujeito e de Elevação) e os verbos destes complementos podem comportar-se como uma unidade sintática relativamente a fenómenos para os quais o domínio infinitivo deveria qualificar-se como barreira: subida de clítico (CI-CI), movimento longo de objeto (LOM), normalmente com a realização do clítico passivo –se, e seleção do auxiliar *essere*, em tempos compostos, quando este é requerido pelo verbo do infinitivo, mas não pelo verbo matriz. Estes fenómenos, que correspondem à manifestação de efeitos de transparência (Bok-Bennema & Kampers-Manhe 1994), encontram-se exemplificados em (1) a (3), retirados de Rizzi (1982: 1-2):

- (1) a. Piero ti                      verrà a parlare di parapsicologia. (CI-CI)  
Piero CL.DAT.2SG virá a falar de parapsicologia  
'O Piero vir-te-á falar de parapsicologia.'

- b. Queste case si vogliono vendere a caro prezzo.  
(LOM)  
estas casas SE querem vender a elevado preço  
'Querem-se vender estas casas a um preço elevado.'
- c. Gianni è voluto tornare a casa.  
(seleção do auxiliar *essere*)  
Gianni é querido voltar para casa  
'O Gianni quis voltar para casa.'

O PE apresenta, no geral, um comportamento semelhante ao do italiano (ver Gonçalves 1999). Assim, por um lado, a Reestruturação é potenciada pelas mesmas classes de verbos: um subconjunto dos verbos de Controlo de Sujeito e dos verbos de Elevação, incluindo nesta última classe os semiauxiliares modais, aspetuais e temporais. Por outro lado, manifestam-se, nesta variedade do português, os mesmos efeitos de transparência que caracterizam o italiano, exceto no que diz respeito à seleção do auxiliar, por razões independentes, a saber, pelo facto de o único auxiliar de tempos compostos do PE ser o verbo *ter*. Vejam-se, assim, os dados em (2):<sup>3</sup>

- (2) O Pedro não o {quis/pôde} emprestar ao irmão. (*o* = *o livro*)  
(CI-CI)
- (3) Agora já se {querem/podem} resolver os problemas de desemprego.  
(LOM)

Tal como acontece em italiano, a inclusão de um verbo na classe dos predicados de Controlo ou de Elevação não determina, em PE, a possibilidade de Reestruturação. Os dados em (4), para o italiano, e (5), para o PE, mostram que alguns verbos de Controlo não admitem CI-CI nem LOM, o que contrasta com o comportamento apresentado nos exemplos (1) e (2):

---

<sup>3</sup> A Reestruturação pode não se verificar nas línguas que a admitem, no sentido em que o clítico pode manter-se no domínio infinitivo (i) e o movimento do objeto encaixado para a posição de sujeito matriz (LOM) não se observa (ii).

(i) O João não {quis/pôde} emprestá-lo ao irmão.

(ii) Agora, já se {quer/pode} resolver os problemas de desemprego.

- (4) a. \*Pieroti                    deciderà di parlare        di  
parapsicologia.  
Piero CL.DAT.2SG deciderá de falar        de  
parapsicologia  
b. \*Finalmente le nuove case popolari        si  
otterranno di costruire.  
finalmente as novas casas camarárias        SE  
lograrão de construir  
c. \*Mario è promesso di tornare        a casa.  
Mario é prometido de voltar        para casa  
'O Mário prometeu voltar para casa.'
- (Rizzi 1982: 1-2)
- (5) a. \*O atual presidente não se prometeu candidatar a um novo  
mandato.  
b. \*?Durante a campanha eleitoral, prometeram-se resolver os  
problemas de desemprego.

Antes de prosseguir com a apresentação dos dados, importa fazer uma observação sobre a relevância da subida de clítico como diagnóstico para a Reestruturação. Com efeito, embora se considere, geralmente, que a subida de clítico constitui um teste para identificar a estrutura em análise, regista-se, em PE, alguma variação quanto aos verbos que permitem essa possibilidade. Veja-se o exemplo (6), em que ocorre subida de clítico no contexto de um verbo matriz (*permitir*) que, para vários falantes, exclui tal possibilidade (Gonçalves et al. 2016: 537-538):

- (6) Sou professor provisório sem preparação específica para a  
docência nem estágio, porque o Estado nunca mo permitiu fazer.  
(CETEMPúblico, Ext=753989)

Magro (2005) encontra, no corpus dialetal CORDIAL-SIN, contextos de subida de clítico que a levam a concluir que variedades não padrão do PE são normalmente mais permissivas em relação a este fenómeno, que se observa com um número de verbos matriz mais alargado do que aquele que tem sido descrito em trabalhos sobre o PE padrão com dados resultantes de introspeção

linguística. Por sua vez, Fiéis & Madeira (2012) também defendem que existe uma gradação de aceitabilidade das estruturas com subida de clítico, fenómeno que consideram ser facilitado pela presença de elementos proclisadores na oração matriz e do próprio tipo de clítico. Trabalhos recentes, como Freixo (2021) e Reis (2022), mostram que a subida de clítico é um fenómeno que está sujeito a variação idioletal e que pode ser condicionado pelo tipo de dados, isto é, dados de escrita formal apresentam, na generalidade, menos ocorrências de subida de clítico, o que sugere um possível efeito da norma na colocação dos clíticos (veja-se Martins 2016, que apresenta dados da diacronia que revelam esta pressão normativa). Embora se verifique, efetivamente, alguma variação entre os falantes de PE, sobretudo na presença de alguns verbos, muitos juízos são convergentes, concorrendo, assim, para a construção de uma escala de aceitabilidade (Gonçalves 1999, Fiéis & Madeira 2012), pelo que continuarei a usar a subida de clítico como um dos diagnósticos para a identificação da Reestruturação.

Dados de diferentes línguas têm permitido observar que línguas da mesma família ou variedades da mesma língua podem apresentar comportamentos distintos no que diz respeito à Reestruturação. É este o caso do PE em contraste com o francês e com o PB. Veja-se, assim, a agramaticalidade de Cl-CI em francês (7b) e em PB (8b, d), bem como a impossibilidade de LOM nesta última variedade (9):<sup>4</sup>

- (7) a. Celui-là va vouloir le faire.  
aquele vai querer CL.ACUS.3SG fazer  
'Aquele vai querer fazê-lo.'
- b. \*Celui-là va le vouloir faire. (Kayne 1975: 78)  
aquele vai CL.ACUS.3SG querer fazer

---

4 Note-se, porém, que uma pesquisa rápida no *corpus* NILC/S. Carlos, disponível em [www.linguateca.pt](http://www.linguateca.pt), apresentou 71 ocorrências de LOM no contexto do modal *poder* (cf. (i)) e 1 ocorrência com *querer*. Não explorarei aqui esta questão, que poderá decorrer do facto de a baixa ocorrência de LOM em PB estar relacionada com a perda gradual de passivas de SE (ver, e.o., Galves 1986; Nunes 1990, 2008; Cavalcante 2006; Martins & Nunes 2016) e não com a Reestruturação.

(i) Você sabe, não **se podem** negar serviços destes a um governo amigo; ou então deixa-se a política. (NILC/S. Carlos, *par* = 120744)

Esta diferença entre verbos de Controlo e verbos de Elevação é também visível em estruturas de subida de clítico em PE (entre outros, Andrade 2010; Freixo 2021).

- (8) a. João quer te ver.  
 b. \*João te quer ver. (adaptado de Cyrino 2010: 200)  
 c. João pode te ver.  
 d. \*João te pode ver. (*id.*)
- (9) \*Hoje em dia, não se querem provocar novos conflitos mundiais.

Por sua vez, línguas de famílias diferentes podem apresentar comportamentos idênticos no que diz respeito à Reestruturação. É o que acontece com o PE e o alemão; veja-se o exemplo (10) do alemão, em que se verifica LOM, sem clítico, numa estrutura em que o verbo da matriz é passivizado e o objeto encaixado é realizado como sujeito desse verbo, exibindo Caso nominativo:

- (10) dass derTraktor und der Lastwagen zu  
 reparieren versucht wurden  
 que [o trator e o camião].NOM ZU  
 reparar tentados foram  
 ‘que se tentaram reparar o trator e o camião’  
 (Wurmbrand 2015: 343)

Tendo em conta os comportamentos descritos acima, e em particular o comportamento distinto do PE (2-3) e do PB (8-9), nas secções seguintes procurar-se-á avaliar a hipótese que colocámos na secção 1. Em particular, pretende-se observar se algumas categorias funcionais dos domínios infinitivos são menos defetivas em PB do que em PE, podendo verificar os traços dos constituintes relevantes internamente a esse domínio, o que exclui a possibilidade de Cl-CI e de LOM, típicos da Reestruturação. A descrição e a análise apresentadas centram-se nos verbos de Controlo de Sujeito, ainda que, pontualmente, sejam referidos os verbos de Elevação.

### 3. A Reestruturação em PE: dependência temporal e defetividade funcional do domínio infinitivo

Uma das questões mais amplamente debatidas na literatura sobre a Reestruturação diz respeito à natureza mono ou bioracional do domínio infinitivo, o que, naturalmente, coloca o centro da discussão na categoria do domínio infinitivo. Com efeito, se, para alguns autores, se trata de um domínio em que se projeta T ou mesmo C (Bok-Bennema & Kampers-Manhe 1994, Roberts 1997, Gonçalves 1999, Gonçalves & Matos 2009, Gonçalves et al. 2010, Paradís 2019), para outros, trata-se de uma projeção de V distinta de T, como, por exemplo, VP, vP, voiceP ou FP (Wurmbrand 2001, 2015, Cinque 2004, 2006, Andrade 2010, Grano 2015).<sup>5</sup>

A abordagem mono-oracional é, numa primeira análise, consistente com os efeitos de transparência apresentados na secção 2, uma vez que, no contexto da Reestruturação, não parece existir uma fronteira frásica que intervenha entre as duas formas verbais, não sendo, por isso, bloqueados CI-CI e LOM. A abordagem mono-oracional é ainda uma possível explicação para o contraste apresentado em (11): a ocorrência de adjuntos com valores temporais que não se sobrepõem origina sequências agramaticais em contextos de verbos de Reestruturação (11a).<sup>6</sup>

- (11) a. \*As crianças, ontem, quiseram visitar a avó amanhã.  
b. As crianças, ontem, prometeram visitar a avó amanhã.

Note-se, porém, que a gramaticalidade de (12), em que o adjunto temporal *no dia seguinte* localiza, como em (11), a situação descrita no domínio infinitivo num intervalo de tempo posterior àquele em que se localiza a situação descrita na matriz, põe em causa a hipótese de mono-oracionalidade:

- (12) Logo que chegaram a Portugal, todos quiseram visitar a avó no dia seguinte.

---

<sup>5</sup> A proposta de Grano (2015) é híbrida, uma vez que o autor considera que os predicados de Controlo exaustivo são núcleos funcionais, pelo que a estrutura é mono-oracional, ao passo que os predicados de Controlo parcial se realizam como núcleos lexicais, o que determina a bioracionalidade da estrutura.

<sup>6</sup> Este é, aliás, um dos argumentos que Wurmbrand (2001) usa a favor da estrutura mono-oracional em alemão.

Com efeito, dados como (12) constituem, na perspetiva de Gonçalves (1999, 2002) e Gonçalves *et al.* (2010), um argumento a favor da ideia de que T se projeta no domínio infinitivo, mesmo em contextos de Reestruturação (13). Os autores seguem a proposta de Chomsky (2001) segundo a qual, sendo o *locus* da estrutura temporal/aspectual, núcleos funcionais como T são relevantes do ponto de vista sintático e também do ponto de vista semântico.

- (13) Logo que chegaram a Portugal, todos a quiseram visitar no dia seguinte.

Projetando-se no domínio infinitivo, T deveria qualificar-se como legitimador dos clíticos associados ao verbo encaixado, o que excluiria a possibilidade de CI-Cl.<sup>7</sup> No entanto, tal não acontece: veja-se mesmo que, na presença de LOM, a subida de clítico é obrigatória (14b), o que confirma a associação deste fenómeno à Reestruturação:

- (14) a. Na sequência da destruição provocada pelos incêndios, quiseram-se-lhes entregar casas novas num prazo curto. (*lhes* = *aos desalojados*)  
b. \*Na sequência da destruição provocada pelos incêndios, quiseram-se entregar-lhes casas novas num prazo curto.

Para defender a hipótese de que T se projeta no domínio encaixado, Gonçalves (2016), na sequência de trabalhos anteriores (entre outros, Gonçalves 1999, Gonçalves & Matos 2009, Gonçalves *et al.* 2010), considera que, para além da classe a que o verbo matriz pertence, a Reestruturação em PE é regulada por duas condições, enunciadas em (15):

- (15) *Condições para a Reestruturação* (PE)  
(i) **Condição semântica:** o domínio infinitivo é temporalmente dependente do tempo da oração matriz, i.e., a situação descrita no domínio infinitivo é integrada no domínio temporal (Declerck

---

<sup>7</sup> Sobre o papel de dos núcleos funcionais na legitimação dos clíticos em PE, vejam-se, entre muitos outros, Duarte & Matos (2000), Martins (2000), Duarte, Matos & Gonçalves (2005). No presente trabalho, adoto a perspetiva destas últimas autoras, de acordo com a qual os clíticos do PE são legitimados em domínios de T.

1991) criado pela matriz; o ponto de perspetiva temporal (PPT; Kamp & Reyle 1993) do domínio encaixado é apenas o tempo da matriz (Gonçalves et al. 2010).

**(ii) Condição estrutural:** T encaixado é defetivo quanto aos traços-V (Gonçalves 1999; Gonçalves & Matos 2009) e não especificado quanto aos traços- $\phi$  e aos traços relacionados com orientação temporal e ponto de perspetiva temporal ( $[\tau \tau: ? ; TPpt: ?]$ ).<sup>8</sup>

Da condição (i) decorre o contraste entre verbos de Controlo como *querer* (16) e *prometer* (17), por exemplo. Sendo ambos verbos prospetivos, a situação descrita na oração encaixada localiza-se num intervalo de tempo posterior àquele em que se localiza a situação descrita na matriz, como já se referiu anteriormente. No entanto, como assinalado em Gonçalves et al. (2010: 439), “as orações subordinadas a estes verbos manifestam comportamentos algo distintos no que diz respeito aos mecanismos de dependência temporal”, uma vez que, quando selecionadas por *querer*, o seu PPT é o intervalo de tempo em que se localiza a situação descrita na matriz, ao passo que, quando selecionadas por *prometer*, o seu PPT é também o momento da enunciação. Desta forma, o domínio infinitivo selecionado por *querer* pode incluir adjuntos temporais que veiculam valor de futuro relativamente à matriz, como *nos dias seguintes* (16b), mas não adjuntos cujo valor temporal seja determinado relativamente ao momento da enunciação, como *amanhã* (16a). Por sua vez, quando o domínio infinitivo é selecionado por verbos como *prometer*, os dois tipos de adjuntos são possíveis (17a, b).

- (16) a. \*O João não quis ver o irmão amanhã.  
b. Após uma grande discussão, o João não quis ver o irmão nos dias seguintes.
- (17) a. Como a queda foi brutal, o João até prometeu consultar o médico amanhã.  
b. Como a queda foi brutal, o João até prometeu consultar o médico no dia seguinte.

---

8 Esta caracterização de T encaixado é inspirada em Gonçalves et al. (2014), que a propõem para CPs infinitivos selecionados por verbos matriz que determinam a orientação temporal desses CPs.

Assim, o complemento infinitivo selecionado por verbos como *querer* é temporalmente dependente de T matriz (mas não necessariamente anafórico), o que não acontece no contexto de verbos como *prometer*. Ora, o que se verifica em PE é que a Reestruturação se observa em contextos de dependência temporal, como enunciado em (15i):

- (18) a. O João não o quis ver.  
b. \*O João não o prometeu consultar.
- (19) a. Na sequência da destruição provocada pelos incêndios, quiseram-se entregar casas novas aos desalojados num prazo curto.  
b. \*Na sequência da destruição provocada pelos incêndios, prometeram-se entregar casas novas aos desalojados num prazo curto.

Gostaria aqui de recuperar, de novo, a ideia de que há variação idioletoal, e até dialetal, no que diz respeito à subida de clítico, o que pode, de certa forma, pôr em causa a correlação entre dependência/independência temporal e possibilidade/impossibilidade de Reestruturação, caso se considere que esse fenómeno identifica sequências reestruturadas. Estudos recentes sobre o PE mostram que a subida de clítico é preferencial quando o domínio infinitivo é temporalmente dependente do domínio matriz. Por exemplo, Freixo (2021) analisa produções escritas e orais de dois falantes nativos de PE; apesar de se verificar variação entre os dois sujeitos, os dados recolhidos mostram que, globalmente, no contexto de verbos temporais (*ir*), aspetuais (*estar a*) e modais (*dever* e *poder*), comumente classificados como verbos de Reestruturação, a subida de clítico é preferencial, quer na fala quer na escrita (Freixo 2021: 58 e ss.). Considerando que o domínio infinitivo selecionado por estes verbos é dependente do domínio matriz, os resultados apresentados pela autora permitem confirmar a correlação entre dependência temporal e subida de clítico. Não é, no entanto, possível verificar, nesse trabalho, se existe uma correlação entre independência temporal e ausência ou baixa frequência de subida de clítico, uma vez que não foram considerados verbos que selecionam complementos

temporalmente independentes.<sup>9</sup>

Reis (2022) apresenta, também para o PE, dados recolhidos de um *corpus* escrito e de um teste de juízo de aceitabilidade. Quando se considera os resultados deste teste, verifica-se que a subida de clítico atinge valores superiores a 50% com os verbos que selecionam complementos infinitivos temporalmente dependentes, havendo, no entanto, alguma variação nos casos em que o complemento é temporalmente independente (por exemplo, com os verbos matriz *prometer* e *decidir*). O que é interessante, portanto, é que, como enunciado em (15i), a dependência temporal é um fator potenciador da Reestruturação, mas a independência temporal parece não excluir a possibilidade de subida de clítico, por razões que podem ser independentes da Reestruturação, como a preferência por associar os clíticos a formas verbais finitas (veja-se que, em complexos verbais com outras formas não finitas, i.e., participios ou gerúndios, os clíticos se adjungem ao verbo mais alto, finito). Também Paradís (2019), sobre o catalão, conclui que a subida de clítico nesta língua, por si só, pode não ser um diagnóstico para a Reestruturação e isso acontece essencialmente em contextos de tempo independente no complemento infinitivo, o que parece mostrar que a subida de clítico se está a tornar um fenómeno que vai para além da Reestruturação; os dados do teste de juízo de aceitabilidade de Reis (2022) apontam no mesmo sentido. Desta forma, no presente trabalho, classificamos como verbos de Reestruturação os que admitem concomitantemente CI-CI e LOM.

A possibilidade de o domínio infinitivo poder integrar informação temporal própria (Cunha & Silvano 2006), ainda que dependente da informação temporal veiculada pela oração matriz (16b), constitui, como se referiu anteriormente, um argumento a favor da projeção de T naquele domínio, em contextos de Reestruturação, nas propostas de Gonçalves (1999) e Gonçalves *et al.* (2010). De forma a acomodar esta análise com os fenómenos de CI-CI e LOM, que poderiam constituir contra-argumentos a uma análise que considere a projeção de T encaixado, os autores referidos defendem que, na estrutura de Reestruturação, tal núcleo funcional é defetivo. Nesse sentido, considere-se a condição em (15ii), repetida em (20), apresentada em Gonçalves (2016):

---

9 Ver Freixo (2021: 46) para a lista de verbos considerados.

- (20) Condição estrutural:** (a) T encaixado é defetivo quanto aos traços-V (Gonçalves 1999; Gonçalves & Matos 2009) e não especificado quanto aos traços- $\phi$  e aos traços relacionados com orientação temporal e ponto de perspetiva temporal ( $[_T \tau: ? ; TPpt: ?]$ ).

Portanto, nos termos de Chomsky (2001), T encaixado, em contextos de Reestruturação, é um núcleo incompleto, pelo que não se encontra ativo para Agree, operação que só tem lugar quando a sonda e o alvo são ambos ativos (Chomsky 2001: 6).<sup>10</sup> A defetividade de T encaixado permite explicar os efeitos de transparência associados à Reestruturação, como se defende, para o PE, em Gonçalves (1999) e trabalhos subsequentes:

- (i) Os clíticos, enquanto feixes de traços- $\phi$  (Déchaine & Wiltschko 2002; Duarte, Matos & Gonçalves 2005), requerem um hospedeiro específico que os legitime – T. Este núcleo tem de ser ativo, pelo que, em contextos de Reestruturação, os clíticos são sondados e atraídos por T matriz, o que dá conta da subida de clítico.
- (ii) LOM ocorre porque o objeto lógico do verbo encaixado não pode verificar traços de Caso nominativo no domínio de T defetivo, pelo que tem de se mover para [Spec, TP] matriz.

A legitimação/valorização dos traços de T encaixado por T matriz faz-se através de Agree a longa distância, pelo que, como defendem Gonçalves (1999, 2016) e Gonçalves & Matos (2009) existe uma única fase temporalizada.

Assim, mantenho, como em Gonçalves (1999), a abordagem bioracional das estruturas do PE em que se verifica Reestruturação. Uma análise da estrutura como mono-oracional não daria conta, por exemplo, da diferença entre verbos auxiliares e verbos de Reestruturação, em particular no que diz respeito ao facto de os complementos dos segundos terem traços de temporalidade, podendo contribuir para a determinação da localização das orações em que tomam parte (Stowell 1982, Cunha & Silvano 2006), o que

---

<sup>10</sup> A ideia de que certos núcleos podem ser inertes/inativos é já explorada em Rigau (1996), para dar conta de diferentes efeitos de reestruturação em variedades do catalão.

não acontece no contexto de verbos auxiliares.<sup>11</sup> Com efeito, como mostrei em Gonçalves (2002), na estrutura de Reestruturação existe uma restrição de dependência temporal do domínio infinitivo relativamente ao domínio matriz, mas verificam-se diferenças de interpretação determinadas pela posição em que se encontra o adjunto temporal (em itálico nos exemplos (21), represento informalmente a relação entre o adjunto e o verbo relevante). O mesmo não acontece em sequências com verbos auxiliares, em que os adjuntos temporais localizam a situação descrita por toda a sequência verbal e não apenas a que é descrita no domínio não finito, pelo que a sua ocorrência em posição inicial ou em posição final é irrelevante em termos do significado básico, ainda que possa não o ser do ponto de vista informacional (22):

- (21) a. Os jornalistas quiseram-no *entrevistar no dia seguinte*.  
b. *No dia seguinte*, os jornalistas *quiseram-no* entrevistar.  
(Gonçalves 2002: 54-55)
- (22) a. Os jornalistas já o tinham entrevistado no dia seguinte.  
b. No dia seguinte, os jornalistas já o tinham entrevistado.  
(Gonçalves 2002: 55)

Adicionalmente, algumas análises que defendem a mono-oracionalidade da estrutura caracterizam todos os verbos de Reestruturação como núcleos funcionais (e.g. Cinque 2004, 2006). Ora, a não ser que se abandone a ideia clássica de que as relações temáticas se restringem a núcleos no domínio lexical, não é possível manter a ideia de Cinque, em particular no caso dos verbos de Controlo, que selecionam argumento externo, independentemente de serem ou não verbos de Reestruturação; veja-se a impossibilidade de coocorrência desses verbos com verbos que não selecionam argumento externo, como os meteorológicos:<sup>12</sup>

---

11 Sobre a diferença entre verbos auxiliares e verbos de Reestruturação, veja-se, também, Andrade & Fischer (a publicar), que defendem que os verbos que formam predicados complexos em PE e em catalão perderam o seu estatuto de auxiliares ao longo da história dessas línguas.

12 Ver Wurmbrand (2004) sobre a impossibilidade de considerar todos os verbos de Reestruturação como núcleos funcionais.

- (23) a. \*Quer chover. (*querer* – verbo de Reestruturação)  
b. \*Prometeu chover. (*prometer* – verbo que não admite Reestruturação)

#### 4. A ausência de Reestruturação em PB: o papel das categorias funcionais na comparação com o PE

Como observei na secção 2, o PB não admite os dois fenómenos associados a Reestruturação, não sendo, portanto visíveis os efeitos de transparência descritos para o PE. Repetem-se em (24) e (25), os exemplos que então apresentei, respetivamente, em (8) e (9):

- (24) a. João quer te ver.  
b. \*João te quer ver. (adaptado de Cyrino 2010: 200)  
c. João pode te ver.  
d. \*João te pode ver. (*id.*)
- (25) \*Hoje em dia, não se querem provocar novos conflitos mundiais.

No entanto, a condição (15i), de acordo com a qual a Reestruturação se manifesta em contextos de dependência temporal, por si só, prediria que o PB não tivesse um comportamento distinto do do PE, uma vez que os falantes daquela variedade apresentam os mesmos juízos de gramaticalidade / aceitabilidade que os falantes desta última quanto às sequências em (11) e (12), repetidas em (26) e (27), respetivamente:<sup>13</sup>

- (26) a. \*As crianças, ontem, quiseram visitar a avó amanhã.  
b. As crianças, ontem, prometeram visitar a avó amanhã.
- (27) Logo que chegaram a Portugal, todos quiseram visitar a avó no dia seguinte.

O facto de se verificarem os mesmos mecanismos de dependência temporal do complemento infinitivo relativamente ao domínio matriz,

---

<sup>13</sup> Foram inquiridos 10 falantes de PB, estudantes universitários recém-chegados a Portugal.

observando-se, contudo, um contraste quer quanto a Cl-CI quer quanto a LOM, conduz à hipótese de tal contraste decorrer da condição (15ii), que se resume à defetividade de T encaixado em PE. A ideia a explorar nesta secção é a de que, tal como em PE, no contexto de certos verbos de Controlo e de certos verbos de Elevação, se verifica, também em PB, dependência temporal, que T se projeta em todos esses domínios, sendo o contraste PE/PB atribuível às propriedades do núcleo T. Se esta ideia estiver certa, o contraste entre as duas variedades no que diz respeito à Reestruturação constitui um argumento empírico sólido para explicar a variação linguística, a nível sintático, com base na arquitetura funcional e/ou nas propriedades dos núcleos funcionais que se projetam, objetivo central do presente trabalho.

Para dar conta da ausência de predicados complexos em PB (de Reestruturação, *fazer-Inf* com causativos e tempos perifrásticos), Cyrino (2010) defende que, em PB, T não finito é incompleto (mas não defetivo), considerando que um feixe de traços- $\phi$  é incompleto se não tiver especificados alguns traços. Pelo contrário, para a autora, em PE, T não finito selecionado por verbos de Reestruturação é defetivo, o que significa que não tem nenhum dos traços- $\phi$ . No estudo de Cyrino, a ideia de que T não finito é apenas incompleto é sustentada empiricamente pela possibilidade de ocorrência de infinitivo flexionado em contextos de Controlo de sujeito, de Elevação e de complementos de verbos factivos e epistémicos mesmo quando se verifica correferência entre sujeito encaixado e sujeito matriz. Note-se, porém, que a própria autora considera que estas frases não apresentam a estrutura canónica que permite a ocorrência de um infinitivo flexionado. Para além disso, sequências com infinitivo flexionado em domínios que o excluíam (Controlo de sujeito e Elevação) podem também ser encontradas em PE; ver, entre outros, Gonçalves *et al.* (2014), Sheehan (2018).

Assim, a proposta de Cyrino (2010) é a de que, em PB, o núcleo T em domínios encaixados não finitos é apenas especificado quanto a traços de [número] e não quanto a traços de [pessoa], seguindo a proposta de Nunes (2008), de acordo com a qual tais traços devem ser dissociados mesmo em Ts finitos encaixados.<sup>14</sup> Em domínios encaixados, T não finito não é, pois,

---

<sup>14</sup> A distinção entre T  $\phi$ -completo e T  $\phi$ -incompleto em PB, desenvolvida por Nunes (2008), é recuperada de Ferreira (2000).

diferente de T finito no que diz respeito aos seus traços- $\phi$ , o que explica a ausência da estrutura de Reestruturação em PB. Note-se que os contextos finitos não são propícios para Reestruturação, mesmo nas línguas em que o fenómeno existe.

Assumir que T infinitivo incompleto é idêntico a T finito incompleto prediz que o PB exiba o mesmo comportamento em estruturas que envolvam a extração de constituintes do domínio encaixado. Nesse sentido, Reestruturação e Hiper-Elevação (ou seja, extração do sujeito encaixado de um domínio finito subordinado a um verbo de Elevação; ver, entre outros, Ferreira 2004, Nunes 2008) deveriam ser ambos fenómenos possíveis ou impossíveis na mesma variedade, uma vez que, (i) quando um objeto sintático não verifica os seus traços não interpretáveis no domínio em que é inserido, deve ser sondado por um elemento exterior a esse domínio; (ii) quando os traços são verificados no domínio em que o objeto sintático é inserido, o movimento é proibido. A gramaticalidade, em PB, das frases de (28), em que é possível Hiper-Elevação, por oposição à agramaticalidade de (24) e (25), com Reestruturação, invalida tal predição. Com efeito, se T incompleto finito é idêntico a T incompleto não finito, a extração do sujeito encaixado em contextos finitos deveria ser bloqueada, da mesma forma que o são Cl-Cl e LOM, ou estes dois últimos fenómenos deveriam ser possíveis, tal como acontece com a Hiper-Elevação.

- (28) a. Os meninos<sub>i</sub> parecem que t<sub>i</sub> fizeram a tarefa.  
b. Os estudantes<sub>i</sub> acabaram que t<sub>i</sub> viajaram mais cedo.  
c. Aqueles funcionários<sub>i</sub> perigam que vão ser demitidos.  
(Nunes 2008: 99)

Na verdade, a diferença entre T defetivo e T incompleto é pouco clara, uma vez que tem efeitos semelhantes (a possibilidade de extrair constituintes), embora para diferentes objetos sintáticos: T defetivo permite extração dos clíticos ou do NP objeto encaixados; T incompleto permite a extração do sujeito encaixado. No entanto, parte da proposta de Cyrino (2010) pode ser adotada para dar conta da variação PE/PB: a ideia de que, se os núcleos funcionais mais baixos na hierarquia possuem traços- $\phi$ , as categorias mais altas não podem sondar os traços (nominais) de núcleos não

finitos. Note-se que esta proposta vai ao encontro do objetivo central do presente artigo, no sentido em que atribui a variação PE/PB a diferenças nos traços de categorias funcionais.

Assim, assumindo a hierarquia  $C > T > Asp > v$ , proponho que a diferença entre PE e PB não se encontra em T, mas em Asp, um núcleo funcional que se projeta abaixo de T. Tal núcleo é sempre completo quanto a traços- $\phi$  em PB, pelo que T matriz não pode sondar os objetos do domínio infinitivo, mas pode ser defetivo quanto a traços- $\phi$  em contextos de infinitivo não flexionado em PE.

Esta proposta leva à reformulação de (15ii), condição estrutural para a Reestruturação em PE, como proponho em (29):

- (29) Condição estrutural:** (a) T encaixado é defetivo quanto aos traços-V (Gonçalves 1999; Gonçalves & Matos 2009) e não especificado quanto aos traços- $\phi$  e aos traços relacionados com orientação temporal e ponto de perspetiva temporal ( $[\text{T } \tau: ?$ ;  $\text{TPpt: ?}]$ ); (b) Asp e v c-comandados por T defetivo são igualmente defetivos quanto a traços- $\phi$ .

Considerar que Asp e v são defetivos apenas em PE permite explicar a diferença entre esta variedade e o PB. Assim, em PB, (i) os clíticos, enquanto feixes de traços- $\phi$ , são sondados no domínio de Asp encaixado, que não é defetivo, e verificam os seus traços- $\phi$  contra os traços deste núcleo, pelo que CI-Cl é bloqueada; (ii) o mesmo se observa quanto ao objeto lógico do verbo encaixado, que verifica os seus traços de Caso (acusativo) internamente ao domínio de v encaixado, pelo que LOM também é bloqueado.

Pelo contrário, em PE, (i) quando Asp encaixado é defetivo quanto a traços- $\phi$ , os clíticos não verificam os seus traços nesse domínio; se v encaixado for também defetivo para traços- $\phi$ , o objeto encaixado não verifica os seus traços de Caso. Desta forma, CI-Cl e LOM são estratégias de último recurso para salvar a derivação. Note-se que, como já referi, assumo que o domínio T em que os clíticos são legitimados tem de ser completo, ou seja, na estrutura de Reestruturação, corresponde a T matriz.

Assim, como defende Wurmbrand (2001, 2004, 2015), a Reestruturação não é uma operação, mas o efeito sintático das propriedades de seleção de certos verbos que coocorrem com complementos infinitivos. Por exemplo,

no caso do alemão, trata-se de VPs ou vPs (Wurmbrand 2001, 2015); no caso do PE, são domínios de T-Asp-v defetivos. Nesta linha, o contraste entre línguas decorre de diferenças nos núcleos funcionais que se projetam.

A proposta de um sistema Asp-v distinto nas duas variedades do português em consideração dá ainda conta de fenómenos independentes da Reestruturação, como a diferente posição dos clíticos em complexos verbais com auxiliares (cf. (30)), em que Asp encaixado se qualifica como sonda para os clíticos em PB, mas não em PE, e a elipse de VP, como analisada em Cyrino & Matos (2005) (cf. (31)):

- (30) a. João tinha possivelmente me visto. (BP/\*EP) (Cyrino 2010)  
b. O João não me tinha visto. (\*BP/EP)
- (31) a. Ela está a ler / lendo livros às crianças, mas ele não está \_\_\_. (PE/PB)  
( \_\_ = [<sub>VP</sub> [está] lendo livros])
- b. Ela está lendo livros às crianças, mas ele não está lendo \_\_\_. (PB)  
( \_\_ = [<sub>VP</sub> [lendo] livros às crianças])
- c. Ela está a ler livros às crianças, mas ele não está a ler \_\_\_. (PE)  
( \_\_ = [<sub>DP</sub> \_\_])  
(Cyrino & Matos 2005: 81)

De acordo com as autoras, em PE, o legitimador de elipse de VP é T finito (31a); o núcleo Asp não legitima a leitura de elipse de VP, pelo que (31c) tem preferencialmente leitura de objeto nulo. Por sua vez, em PB a elipse de VP pode ser legitimada por T, mas também por Asp (31b), facto que as autoras atribuem à natureza dos traços-V dos núcleos funcionais frásicos, que são mais fortes em PB do que em PE (Cyrino & Matos 2005: 108).

## 5. Conclusões

A análise comparada entre PE e PB quanto à Reestruturação permite concluir que a diferença entre as duas variedades não decorre das relações temporais entre T encaixado e T matriz (a condição estabelecida em (15i)

para a Reestruturação em PE), mas antes dos traços de núcleos funcionais. Defendi que, embora existam, nas duas variedades, contextos em que o domínio infinitivo é temporalmente dependente do domínio matriz, esses contextos são sintaticamente distintos, em particular no que diz respeito aos núcleos funcionais abaixo de T, a saber, Asp e *v*, que são completos quanto a traços- $\phi$  em PB, mas não em PE, variedade em que tais núcleos podem igualmente ser defetivos quanto a traços- $\phi$ . Esta diferença permite explicar os efeitos de transparência que se observam exclusivamente em PE. Deste modo, a análise aqui proposta confirma a hipótese que coloquei inicialmente, de acordo com a qual o contraste entre o PE e o PB no que diz respeito à presença vs. ausência de Reestruturação decorre de propriedades formais dos núcleos funcionais que se projetam no domínio infinitivo naquelas variedades. De uma forma mais geral, confirma igualmente a ideia de que as categorias funcionais têm um papel central na variação linguística e que a fonte desta variação é o Léxico, com impacto sobre a Sintaxe.

#### REFERÊNCIAS

- Andrade, A. (2010). *A Subida de Clíticos em Português: Um Estudo sobre a Variedade Europeia dos Séculos XVI a XX* [Tese de Doutoramento]. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- Andrade, A., & Fischer, S. (a publicar). Degrammaticalisation indices in Iberian complex predicates. In M. Garachana, S. Montserrat, & C. D. Pusch (Eds.), *From Composite Predicates to Verbal Periphrasis in Romance Languages*. John Benjamins.
- Baker, M. (2008). The macroparameter in a microparametric world. In T. Biberauer (Ed.), *The Limits of Variation* (pp. 351-373). John Benjamins.
- Bok-Bennema, R., & Kampers-Manhe, B. (1994). Transparency effects in the Romance languages. In M. Mazzola (Ed.), *Issues and Theory in Romance Linguistics: Selected Papers from the LSRL XXIII* (pp. 199-217). Georgetown University Press.
- Borer, H. (1984). *Parametric Syntax*. Foris.
- Cavalcante, S. (2006). *O Uso do se Indefinido na História do Português: Do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro Modernos* [Tese de Doutoramento]. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

- Chomsky, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. The MIT Press.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Foris.
- Chomsky, N. (1991). Some notes on economy of derivation and representation. In R. Freidin (Ed.), *Principles and Parameters in Comparative Grammar* (pp. 417-454). The MIT Press.
- Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*. The MIT Press.
- Chomsky, N. (2001). Derivation by phase. In M. Kenstowicz (Ed.), *Ken Hale: a Life in Language* (pp. 1-52). The MIT Press.
- Chomsky, N. (2013). Problems of projection. *Lingua*, 130, 33-49.
- Cinque, G. (2004). 'Restructuring' and functional structure. In A. Belletti (Ed.), *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures* (Vol. 3, pp. 132-191). OUP.
- Cinque, G. (2006). *Restructuring and Functional Heads. The Cartography of Syntactic Structures* (Vol. 4). OUP.
- Cunha, L. F., & Silvano, P. (2006). Interpretação temporal dos infinitivos em orações completivas de verbo. In F. Oliveira, & J. Barbosa (Eds.), *Textos Seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 303-314). APL.
- Cyrino, S. (2010). On Romance syntactic complex predicates: Why Brazilian Portuguese is different. *Estudos da Língua(gem)*, 8(1), 187-222.
- Cyrino, S., & G. Matos (2005). Local licensers and recovering in VP ellipsis. *Journal of Portuguese Linguistics*. 4(2): 79-112.
- Déchaïne, R.-M., & Wiltschko, M. (2002). Decomposing pronouns. *Linguistic Inquiry*, 33(3), 409-442.
- Declerck, R. (1991). *Tense in English: Its Structure and Use in Discourse*. Routledge.
- Duarte, I., & Matos, G. (2000). Romance Clitics and the Minimalist Program. In J. Costa (Ed.), *Portuguese Syntax: New Comparative Studies in Portuguese Syntax* (pp. 116-142). Oxford University Press.
- Duarte, I., Matos, G., & Gonçalves, A. (2005). Pronominal clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4(2), 113-141.
- Ferreira, M. (2000). Argumentos nulos em português brasileiro [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- Ferreira, M. (2004). Hyperraising and null subjects in Brazilian Portuguese. *MIT Working Papers in Linguistics*, 47, 57-85.
- Fiéis, A., & Madeira, A. M. (2012). Predicados de controlo na diacronia do Português. In A. Costa, C. Flores, & N. Alexandre (Eds.), *Textos Seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 271-284). APL.

- Freixo, A. (2021). *Estruturas de Subida do Clítico: Estudo Comparativo entre Língua Falada e Língua Escrita* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Lisboa.
- Fukui, N. (1988). Deriving the differences between English and Japanese: A case study in parametric syntax. *English Linguistics*, 5, 249-270.
- Galves, C. (1986). *Aluga(-se) Casas: um Problema de Sintaxe Portuguesa na Teoria de Regência e Vinculação*. Preedição 2.
- Gonçalves, A. (1999). *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu* [Tese de Doutoramento]. Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, A. (2002). Verbos auxiliares e verbos de reestruturação do português europeu. In I. M. Duarte, J. Barbosa, S. Matos, & T. Hüsgen (Eds.), *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (Vol. 2, pp. 45-57). Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Gonçalves, A. (2016). The role of functional categories in Comparative Syntax: Data from European and Brazilian Portuguese [Lição para obtenção do título de Agregado. Ms]. Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, A., Carrilho, E., & Pereira, S. (2016). Predicados complexos numa perspetiva comparativa. In A. M. Martins, & E. Carrilho (Eds.), *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 523-557). De Gruyter.
- Gonçalves, A., Cunha, L. F., & Silvano, P. (2010). Interpretação temporal dos domínios infinitivos na construção de reestruturação do português europeu. In A. M. Brito, F. Silva, J. Veloso, & A. Fiéis (Eds.), *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 435-447). APL.
- Gonçalves, A., & Matos, G. (2009). Ellipsis and restructuring in European Portuguese. In E. O. Aboh, E. van der Linden, J. Quer, & P. Sleeman (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2007* (pp. 109-129). John Benjamins.
- Gonçalves, A., Santos, A. L., & Duarte, I. (2014). (Pseudo-)Inflected infinitives and control as Agree. In K. Lahousse, & S. Marzo (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2012* (pp. 161-180). John Benjamins.
- Grano, T. (2015). *Control and Restructuring*. Oxford University Press.
- Holmberg, A. (2000). Am I unscientific? A reply to Lappin, Levine and Johnson. *Natural Language and Linguistic Theory*, 18(4), 837-842.
- Kamp, H., & Reyle, U. (1993). *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Kluwer.

- Kayne, R. (1975). *French Syntax: The Transformational Cycle*. The MIT Press.
- Kayne, R. (2005). Some notes on Comparative Syntax, with special reference to English and French. In G. Cinque, & R. Kayne (Eds.), *The Oxford Handbook of Comparative Syntax* (pp. 3-69). Oxford University Press.
- Magro, C. (2005). Introdutores de orações infinitivas - o que diz a sintaxe dos clíticos. In I. Duarte, & I. Faria (Eds.), *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 649-664). APL.
- Martins, A. M. (2000). A minimalist approach to clitic climbing. In J. Costa (Ed.), *Portuguese Syntax. New comparative syntax* (pp. 169-190). Oxford University Press.
- Martins, A. M. (2016). A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In A. M. Martins, & E. Carrilho (Eds.), *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 401-430). De Gruyter.
- Martins, A. M., & Nunes, J. (2016). Passives and *se* constructions. In L. Wetzels, S. Menuzzi, & J. Costa (Eds.), *The Handbook of Portuguese Linguistics* (pp. 318-337). Wiley-Blackwell.
- Nunes, J. (1990). *O Famigerado Se: uma Análise Sincrônica e Diacrônica das Construções com Se Apassivador e Indeterminador* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
- Nunes, J. (2008). Inherent Case as a licensing condition for A-movement: The case of hyper-raising constructions in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 7(2), 83-108.
- Ouhalla, J. (1991). Functional categories and the head parameter. *GLOW Newsletter*, 26, 38-39.
- Paradís, A. (2019). *L'Ascens dels Clítics: Reestructuració i Control* [Tese de Doutoramento]. Universitat Autònoma de Barcelona.
- Pollock, J.-Y. (1989). Verb Movement, UG and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, 20(3), 365-424.
- Reis, D. (2022). *Subida de Clítico e Reestruturação em Português Europeu* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Lisboa.
- Rigau, G. (1996). *Existential sentences and related constructions in Catalan* [Apresentação de Comunicação]. XXVI LSRL, México.
- Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Foris.
- Roberts, I. (1997). Restructuring, Head Movement, and Locality. *Linguistic Inquiry*, 28(3), 423-460.
- Roberts, I. (2000). Caricaturing dissent. *Natural Language and Linguistic Theory*, 18(4),

849-857.

- Roberts, I., & Holmberg, A. (2010). Introduction: Parameters in Minimalist Theory. In T. Biberauer, A. Holmberg, I. Roberts, & M. Sheehan (Eds.), *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory* (pp. 1-57). Cambridge University Press.
- Sheehan, M. (2018). Control of inflected infinitives in European Portuguese. In A. L. Santos, & A. Gonçalves (Eds.), *Complement Clauses in Portuguese: Syntax and Acquisition* (pp. 27-58). John Benjamins.
- Stowell, T. (1982). The tense of infinitives. *Linguistic Inquiry*, 13(3), 561-570.
- Wurmbbrand, S. (2001). *Infinitives. Restructuring and Clause Structure*. De Gruyter.
- Wurmbbrand, S. (2004). Two types of restructuring – Lexical vs. functional. *Lingua*, 114(8), 991-1014.
- Wurmbbrand, S. (2015). Complex predicate formation via Voice incorporation. In L. Nash, & P. Samvelian (Eds.), *Approaches to Complex Predicates* (pp. 248-290). Brill Online.